

CORRE VOZ, CORRE BOATO: CONSTRUÇÃO DO MEDIATIVO NA GAZETA DE LISBOA DO SÉCULO XIX (1808 A 1820)¹

Janete dos Santos Bessa Neves (PUC-Rio)²

janetebneves@gmail.com

Introdução

A tarefa de quem realiza pesquisa em teorias da enunciação deve ultrapassar o observável numa cadeia enunciativa e tentar descrever os processos de produção (e de reconhecimento) “subjacentes a uma sequência de signos fônicos ou gráficos com determinadas características, que habitualmente se designa por ‘enunciado’” (Campos, 1998, p. 21). E é esse o escopo deste trabalho, ou seja, apresentar uma sistematização de construções linguísticas que evidenciam o distanciamento e a desresponsabilização em relação aos enunciados construídos nas diferentes seções da *Gazeta de Lisboa* de 1808 a 1820.

Numa paralela comparação com o jornalismo contemporâneo, constatamos que a construção da significação nesse discurso está fortemente dependente de algumas características inerentes ao jogo das relações, aos interesses dos responsáveis (jornalistas, editores, donos das empresas jornalísticas), às expectativas dos leitores, sem falar nas implicações de ordem judicial que podem ocorrer, atualmente, como consequência das palavras ou expressões veiculadas (Oliveira; Neves, 2007, 49). Vejamos, por exemplo, o comentário de João Ubaldo Ribeiro (2005, 7): “(...) tenho que usar 'suposto', 'alegado' etc., se não pode dar processo em cima de mim”. Há, por isso, situações que requerem um distanciamento do sujeito em relação tanto aos fatos quanto às fontes da informação. Dessas observações do jornalismo contemporâneo advém nosso interesse em verificar como as questões ligadas ao distanciamento enunciativo eram concretizadas nos jornais do século XIX, mais particularmente na *Gazeta de Lisboa* de 1808 a 1820.

A *Gazeta de Lisboa* apresenta uma estrutura interna estável nos seus mais de cem anos de existência (1715 a 1820), e com poucas interrupções de publicação. Identificam-se nesse periódico as seguintes seções: noticiário nacional e internacional; despachos ou notícias oficiais, necrologia, advertências, viagens, festas, estado de saúde e óbitos, tendo por protagonistas figuras da família real, clero e nobreza (Belo, 2001).

¹ Pesquisa realizada com Bolsa de Pós-Doutorado da CAPES (Proc. BEX 4074/10-6).

² Doutoranda Colaboradora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

Para efeito de constituição do corpus (35 enunciados de notícias³), não foram consideradas as notícias das seções que se refiram a atos oficiais e informações sociais, já que não apresentam muita relevância para o cenário desta investigação. Os enunciados foram colhidos em microfilmagem na Biblioteca Nacional de Lisboa⁴.

1. Aporte teórico

Na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli (1971, 1976, 1990), suporte teórico para esta investigação, a linguagem é uma atividade significante de produção e reconhecimento, em que o enunciador constrói, num polo, uma determinada significação, marcada no enunciado produzido, e o coenunciador, num outro polo, reconstrói a significação construída pelo enunciador. Ao construir um enunciado, o enunciador assinala seu ponto de vista em relação ao que enuncia, assumindo o conhecimento construído ou se distanciando dele, dependendo do valor modal que lhe vai atribuir. Trataremos, particularmente, das diferentes formas de que o enunciador se utiliza para marcar esse distanciamento, que caracteriza uma perspectivização modal designada ‘mediativo’.

O estudo do mediativo foi impulsionado, entre outros, por Jakobson, que propôs chamar ‘evidencial’ à categoria verbal que, entre outros aspectos, faz entrar em linha de conta a fonte de informação alegada relativamente ao processo do enunciado (Jakobson, 1963, 183).

Em línguas que não comportam marcas morfológicas de mediativo, como o português, este é veiculado, por exemplo, por advérbios de frase, do tipo *aparentemente, visivelmente, certamente, alegadamente*; construções como *parece que*; os verbos modais *dever* e *poder* com valor epistêmico; fórmulas introdutórias do discurso relatado (*de acordo com X, segundo X, para X*); as aspas de citação, entre muitos outros recursos à disposição do falante para indicar a fonte informativa. O jornalismo praticado na *Gazeta de Lisboa* admitia, ainda, expressões como *corre voz, corre boato, corre rumor, ouvimos dizer*, entre outras, conforme veremos adiante.

Campos (2001, 338) sustenta a interação entre o mediativo e a modalidade, a partir da designação daquele como uma subcategoria desta, já que “o mediativo fornece

³ O corpus original é bem mais amplo. Foram 598 enunciados compilados para o estudo da construção da modalidade nesse periódico do início do século XIX, além das questões do mediativo, objeto deste trabalho.

⁴ Foi preservada a grafia original em todas as citações e a identificação de cada enunciado é feita com as iniciais do periódico: *GL* (*Gazeta de Lisboa*).

à modalidade informação sobre a maior ou menor fiabilidade de uma informação, contribuindo para um valor modal epistêmico dentro de uma escala que vai da asserção estrita aos vários graus de probabilidade”. Neves (2006, 164) assevera que a “modalização epistêmica (que basicamente envolve uma atitude do falante) necessariamente se relaciona com a fonte do conhecimento, com o qual o falante pode não estar comprometido”.

O valor mediativo se constrói a partir de uma ruptura enunciativa, ou seja, “qualquer ocorrência de um enunciado mediativo introduz necessariamente uma situação de enunciação mediatizada Sit_M que está em ruptura com a situação de enunciação [origem] Sit_0 ” (Guentchéva, 1994). Assim, esse valor vai operar sobre uma ruptura, que quer dizer que Sit_M é referencialmente independente de Sit_0 e a ruptura pode ser global ou afetar apenas um dos parâmetros: os enunciadores ou os instantes. Um enunciador mediatizado (S_M), em ruptura com S_0 , é fundamentalmente indeterminado; um instante mediatizado (T_M), em ruptura com T_0 , surge como fictício (Guentchéva 1994). Assim, num enunciado com o mediativo, há construção da validação de uma relação predicativa, ou seja, de uma asserção, o que se reflete no grau de conhecimento que o enunciador revela ter do conteúdo proposicional.

Guentchéva (1994, 8-9) aponta três valores principais para o mediativo:

- 1) fatos relatados: ocorrem em duas situações:
 - a) conhecidos ou admitidos por todo mundo, como os contos populares, as lendas e os mitos; b) fundados nas falas de outros em que se encontram as nuances de dúvida, ironia, indignação e rejeição;
- 2) inferências: são fatos enunciados reconstruídos a partir de traços ou indícios observáveis;
- 3) fatos de surpresa: ocorrem quando o enunciador apresenta fatos como uma descoberta inesperada e em contradição com o estado esperado, podendo, assim, recorrer ao mediativo nas línguas que conhecem essa categoria. O fato enunciado é, então, concomitante à situação de enunciação e esse valor aparece essencialmente com verbos estativos ou com predicativos qualificativos. É necessariamente acompanhado de uma entonação do tipo exclamativo.

2. Marcadores do mediativo na *Gazeta de Lisboa* de 1808 a 1820

Considera-se marcador mediativo "uma expressão linguística que surge no enunciado e que indica se a informação transmitida nesse enunciado foi retomada pelo

locutor a outrem ou se foi criada pelo próprio locutor, através de uma inferência ou de uma percepção" (Tasmowski; Dendale, 1994). No *corpus* analisado, os valores de mediativo foram, basicamente, construídos a partir de dois processos: inferência e heterogeneidade enunciativa. Vejamos isso em exemplos.

2.1 Inferência

Inferir é reconstruir um fato a partir de traços ou indícios observáveis. A inferência, em nosso *corpus*, é construída, principalmente, pelos verbos *parecer*, *dever*, *poder* e por construções linguísticas que indicam explicitamente que o enunciador está veiculando uma informação que é o resultado de conclusão a que ele próprio chegou, por meio de um processo inferencial.

A seguir, explicitamos um estudo de cada marcador de inferência no *corpus*.

2.1.1 Verbo *parecer*

Existem, basicamente, dois valores epistêmicos inferências para este verbo, no *corpus*, marcados por diferentes construções, a saber:

A. *parece-me que / parece-nos que*

B. *parece que / parece certo que / segundo parece / ao que parece / pelo que parece*

A. *parece-me que / parece-nos que*

Neste valor, o verbo *parecer* constrói um “valor mediativo de acesso ao saber por inferência, corresponde a um valor epistêmico de asserção fraca assumido pelo enunciador” (Campos, 2001, 337). O próprio enunciador apresenta-se como garantia da validação. Isso pode ser constatado nos enunciados seguintes:

(1) “**Parece-nos** bastante interessante publicar esta nota do Ministro Champagny, para que os nossos Leitores vejaõ como os Francezes se servem da fraqueza e pequenas paixões dos Gabinetes para lançarem a discordia no Mundo, e aproveitam eles o fructo destas intrigas (...)” (GL, 05/04/1810)

(2) “**Parece-nos** bastante interessante publicar esta nota do Ministro Champagny, para que os nossos Leitores vejaõ como os Francezes se servem da fraqueza e pequenas paixões dos Gabinetes para lançarem a discordia no Mundo, e aproveitam eles o fructo destas intrigas (...)” (GL, 05/04/1810)

B. *parece que / parece certo que / segundo parece / ao que parece / pelo que parece*

Ao construir o verbo *parecer* nestas ocorrências, o “enunciador constrói uma asserção, mas apaga-se enquanto garantia da sua validação; marca um valor mediativo de ‘ouvir dizer’, ‘um fato relatado’” (Campos, 2001, 336).

Estas construções podem, ainda, ser de duas ordens:

1ª → em termos de grau de validação, diferente nas duas construções seguintes:

parece que: o grau de validação é menos próximo da asserção

parece certo que: o grau de validação é mais próximo da asserção, marcado por *certo*, como nos exemplos:

(3) “Segundo o tom do Juiz Washington no seu discurso, **parece que** os Estados Unidos estão firmemente resolvidos a conservarem-se neutraes (...).” (GL, 28/01/1818)

(4) “**Parece já certo que** a Princeza Amelia, neta do nosso Soberano, casa com hum dos Arquidukes de Austria.” (GL, 20/05/1817)

2ª → com implicitação de uma fonte que é um estado de coisas em si mesmo: há um “apontamento” para o que está suportando o grau de validação da fonte, estando o enunciador, conseqüentemente, mais distante ainda como garantia da validação em construções como:

pelo que parece/pelo que pareceu

segundo parece

ao que parece

Os enunciados a seguir ilustram esse tipo de inferência:

(5) “Ainda que nos faltaõ noticias officiaes, sabemos que os fogos da Praça fazem hum efeito consideravel contra os inimigos, aos quaes até o dia 29 tinhaõ voado tres depositos, **pelo que pareceo** grande numero deles.” (GL, 10/07/1810)

(6) “Buonaparte pouco satisfeito, **segundo parece**, de suas operações, que realmente não tem sido mais felizes que as de seu antecessor, Augereau, deo o commnado da Catalunha a seu cunhado o Principe Borghese.” (GL, 19/01/1811)

(7) “**Ao que parece**, está-se no Congresso fazendo a guerra ao Gabinete de Inglaterra, como a Inglaterra a fez a Bonaparte.” (GL, 22/11/1814)

2.1.2 Verbos *dever* e *poder*

A operação subjacente à construção desses verbos, com valor epistêmico (assim representados: *dever_E* e *poder_E*), pode ser descrita:

(8) “Os enunciados que compreendem *dever_E* e *poder_E* são índices de um processo mental que consiste em criar premissas, inferir conclusões e avaliar estas conclusões para não se deter em uma única parte” (Dendale & Tasmowski, 1994b).

► Verbo *dever*

Como vimos, o valor epistêmico de um enunciado se refere ao grau de conhecimento que o enunciador tem em relação ao acontecimento construído. Existem dois valores epistêmicos para *dever*: valor de *suputação* (o equivalente a probabilidade para outros autores) e valor de *predição* (dizer antecipadamente, fazer prognóstico). O termo *suputação* foi utilizado por Culioli em vez do termo *probabilidade*, porque este termo implica considerar uma escala de valores assertivos e (enquanto que) *suputação* implica um cálculo, uma inferência. Assim, como o valor de *suputação* resulta de uma inferência, o enunciador o realiza tendo em vista um conhecimento indireto que possui. Temos como exemplo:

Inteligente como é, Francisco deve escrever vários livros.

O valor de *predição* também resulta de uma inferência, mas como o próprio nome indica, o verbo *dever* nesse valor estabelece um prognóstico, uma ação dita antecipadamente e produto de uma inferência.

Campos (1998, 154) nos dá uma distinção entre os dois valores, mostrando que isso se revela principalmente em enunciados que se caracterizam pela relação de *causa* e *efeito*. Na inferência, o valor de *suputação* incide sobre a causa e o de *predição*, sobre o efeito. Vejamos isso nos exemplos abaixo:

(a) Paulo escreveu um livro. Deve ter trabalhado muito.

(b) Paulo trabalha muito. Deve escrever um livro.

Em (a), o valor modal de *dever* incide sobre a causa (‘ter trabalhado muito’ é a causa de ‘escreveu um livro’): temos o valor modal epistêmico de *suputação*. Já em (b), como o valor modal de *dever* incidiu sobre o efeito (‘escreveu um livro’ é a consequência de ‘trabalhar muito’), ocorre, nesse caso, o valor de *predição*.

► Verbo *poder*

Existe, basicamente, um valor modal epistêmico para *poder*: o de *não exclusão*. Para esse valor, podemos utilizar, entre outras, as expressões *é possível que* e *não está excluído que*, como verificamos no exemplo:

A esta hora o professor já **pode** estar em casa em que podemos utilizar a glosa *é possível que a esta hora o professor esteja em casa*, ou seja. Em termos metalinguísticos, diremos que o enunciador (S₀) revela não ter conhecimento de fatos (indícios) que possam excluir a validação da relação predicativa.

Podemos encontrar, basicamente, as seguintes características de *dever_E* e *poder_E* que se encontram linguisticamente marcadas no *corpus*:

i. *dever_E* geralmente aponta para uma seleção única, enquanto *poder_E* apresenta várias eventualidades (Dendale & Tasmowski, 1994). Vejamos, por exemplo, o enunciado:

(9) “Hum navio Sueco, vindo Gothenburgo com carga de assucar, foi detido por hum dos nossos corsarios, ao tempo que passava defronte de Helsingor, e aqui o conduziraõ para ser visitado. Conforme os papeis que se lhe acháraõ, **podia** encaminhar-se assim para Copenhague, como para Golberg.” (GL, 19/02/1808);

em que a ocorrência de *poder* com esse valor nos leva à interpretação de dupla possibilidade de inferência, ou seja, tanto pode *encaminhar-se para Copenhague como para Golberg*. O mesmo já não ocorre em relação a *dever*, que remete para apenas uma interpretação, construindo um único caminho, nesse caso o deôntico, e a dupla possibilidade provoca inaceitabilidade do enunciado, a saber:

*[...] **devia** encaminhar-se assim para Copenhague, como para Golberg.

ii. há subjacente a *dever_E* uma *operação de mira (idem)*, que indica um hiato entre Sit₀ e Sit₂, tempo do acontecimento, como em:

(10) “Parece que **deve** ser de 15000 homens o contingente, que a Barrera **deve** dar aos Alliados.” (GL, 09/11/1813);

iii. tanto *dever_E* como *poder_E* admitem o futuro **do** presente ou o futuro do pretérito com valor mediativo. No caso de *dever_E*, o valor é de *predição* (o juízo incide sobre o efeito); **já** o valor de *poder_E*, é de enfraquecimento do valor assertivo (Campos, 1998), a saber:

(11) “... não se sabe que parte **poderá** ter nisso a malevolencia, mas he certo que por ora não se tem pesquisado.” (GL, 14/12/1815)

iv. não há ambiguidade em relação ao uso do verbo *poder* (epistêmico ou não epistêmico): uma análise refinada do contexto linguístico e/ou discursivo permite, geralmente, eliminar o duplo sentido (Campos, 1998):

(12) “Os Aliados não **podem** ter menos de 100 mil homens para lhe oppôr, compreendendo neste numero a parte do Exercito Russo do Conde Wittgenstein e os Corpos Prussianos das margens do Saale.” (GL, 27/05/1813);

v. abdução é o processo inferencial mais usual na interpretação dos valores mediativos associados a *dever_E* e a *poder_E*, no *corpus* estudado. Caracteriza-se por poder ser parafraseado por “alguma coisa pode ser”, numa projeção para o futuro. A abdução, ou *modus tolens*, é um caso de inferência: por corresponder a um “raciocínio lógico que se define com base numa relação não necessária entre dois termos – “q” e “p”” (Valentim, 2005, 222), que pode ser “descrita da seguinte maneira: se “p” implica “q” é verdadeiro e se se constata “q”, então “p” é (possivelmente) verdadeiro” (*idem*). Podemos constatar a presença desse processo inferencial nos exemplos a seguir:

(13) “Espalhou-se estes dias a noticia de que vinha a conducta, e de que já está da parte de cá de Xalapa: duvidamos da verdade, porque são noticias comunicadas pelos rebeldes para esta Praça. Se for certo, e vier toda, **deve** trazer de seis a sete milhões de pezos, os quaes sahiraõ logo nos navios Asia, e Algeciras.” (GL, 21/01/1813)

O caráter de projeção para o futuro, característica do *modus tolens*, está presente no enunciado acima. A criação da informação, em notícias na *Gazeta de Lisboa*, principalmente com o emprego do verbo *dever*, está na base desse raciocínio lógico.

2.1.3 Construções que indicam explicitamente a inferência

Nos enunciados constantes dos itens anteriores desta parte do trabalho, vimos que a inferência é construída com os marcadores de valor modal epistêmico *parecer*, *poder* e *dever*. A inferência já está prevista na operação subjacente à construção desses verbos. Neste item, porém, o processo inferencial é marcado por recursos sintáticos, o que podemos verificar nos seguintes enunciados:

(14) “**Ha dados para pensar** que se trata de fingir huma correspondencia com os Chefes do Exercito Hespanhol da Esquerda, e dispor que caia nas mãos dos patriotas, para semear receios e desconfianças contra os seus Chefes (...).” (GL, 15/12/1810)

(15) “**Ha indicios para crer**, que os Inglezes não estão despostos deixar a Murat a Coroa de Napoles.” (GL, 15/12/1814)

(16) **Temos motivos para suppôr** que não passou [o Capitão Inglês Adms] por Aragaõ; porque o ultimo comboi, que sahio para Saragoça, foi destroçado por Villacampa, Duran, e Gayan; cuja relação não chegou ainda, mas por noticias de Suchet, publicadas em Valença, parece que os Patriotas fizeraõ a sua obrigaçaõ.” (GL, 04/03/1813)

(17) “**Segundo se infere** de noticias particulares de Paris.” (GL, 29/03/1814)

“Cartas vindas das Antilhas **dão a perceber** como inevitavel hum novo choque entre as forças de Christovão e as de Pethion.” (GL, 20/03/1817)

(18) “**Segundo todos os indicios que temos, parece que** a Hespanha nos cede a Florida Oriental; e não se reunindo o Congresso, huma das suas primeiras operações será a ratificação do tratado que se diz estar concluido a este respeito com S.M.C.” (GL, 31/01/1818)

(19) “Cartas vindas das Antilhas **dão a perceber** como inevitavel hum novo choque entre as forças de Christovão e as de Pethion.” (GL, 20/03/1817)

(20) “Principiou a guerra da Polonia, que, **segundo as apparencias**, será dirigida por huma personagem de grandes conhecimentos militares, que presentemente se acha em Orebro.” (GL, 22/08/1812)

Na construção deste processo inferencial, temos a localização do conteúdo proposicional em relação a um termo de natureza indicial, normalmente recuperado no contexto da enunciação. Porém, constata-se, nestes casos, a lexicalização deste mesmo termo localizador por formas linguísticas como *dados, motivos, indicios*. Outras formas, por vezes em coocorrência com as anteriores, lexicalizam o próprio processo inferencial expresso nos enunciados, por meio de formas verbais como são os casos de *concluem, quer dizer, crer, suppôr, se infere, dão a perceber*.

2.3 Heterogeneidade enunciativa

Nesta forma de construção do mediativo, o enunciador recorre a um S_M para validar a relação predicativa. A heterogeneidade se manifesta a partir de uma disjunção

enunciativa entre locutor e enunciador (S_1 e S_0) e o S_M construído pode ser especificado ou não especificado. Com S_M especificado, temos fontes explicitamente nomeadas; com S_M não especificado, constroem o boato e a impessoalização.

2.3.1 S_M especificado (fonte explicitamente nomeada)

Neste recurso do mediativo, está em causa a referência linguística a fontes enunciativas de várias ordens. A fonte pode ter origem em cartas particulares, manuscritos, periódicos estrangeiros, relações de amizade, correspondentes informais, entre outros, como foi construído nos seguintes enunciados:

(21) “**Em huma carta escrita desta Cidade por hum sujeito digno de todo o credito**, que acabava de chegar de Barcelona (...).” (*GL*, 08/10/1808)

(22) “**Pessoa de character** nos acaba de informar que vira huma Carta de Gerona de sujeito fidedigno, afirmando que no assalto, que deraõ os Francezes a Monjuich, e outros pontos da Praça na noite de 20 para 21, se calcula terem perdido de 1 mil a 1500 homens.” (*GL*, 24/08/1809)

(23) “**Lemos na Gazeta de Zurich** que os habitantes de Nergwolk, no Tyrol, se levantáraõ em massa, e fechaõ a entrada do seu valle com enormes massas de rochedos.” (*GL*, 14/11/1809)

(24) “**Por cartas fidedignas de Cadiz** consta que o corpo de Macdonald na Catalunha tem perdido nos dois mezes de Agosto e Setembro para cima de 9 mil mortos tanto de moléstias, como de feridos: e o de Suechet 3 mil homens. Ambos os corpos tinhaõ mais de 4 mil homens.” (*GL*, 03/12/1810)

(25) “**Sabemos por via de pessoa em que podemos confiar**, que estaõ a ponto de se ultimarem as negociações com a Baviera, ou talvez hontem ficassem determinadas (...).” (*GL*, 12/11/1813)

(26) “**Segundo hum manuscrito inedito de Mr. Holk, Consul de Dinamarca em Túnez**, a povoação de todo aquelle Estado Berberesco era em 1807 de tres milhões de habitantes, e a da Capital era de 130 mil almas: este calculo he posterior á peste que levou á sepultura 780 mil pessoas.” (*GL*, 16/01/1816)

2.3.2 S_M não especificado (boato e impessoalização)

► Boato

É a veiculação do conhecimento marcada pela indefinitude (Lucena, 2008). A informação é validada por entidade enunciativa não especificada, como nos exemplos:

(27) “Também **corre voz** de que a resposta dada pelo nosso Ministério a esta comunicação era que S. M. Britania animado do desejo que sempre se lhe tem visto, e que he bem sabido de toda a Europa, de pôr fim às calamidades da guerra, toda a vez que assim o possa fazer d’hum modo compatível com a segurança dos seus domínios (...)”. (GL, 25/11/1808)

(28) “**Corre pelo Continente hum boato** de que o Rei da Prussia abdicará a sua Coroa a favor de Bonaparte; e que este Reino vai sem demora a ser incorporado com a França.” (GL, 26/11/1812)

(29) “**Corre hum rumor** de que o primeiro acto dos satellites do tyrano foi o de prender, e arcabuzar muitos Cidadãos, que tinhaõ dado provas de patriotismo; esperamos que se não confirme.” (GL, 21/06/1813)

(30) “**Ouvimos dizer** que a substancia da nova aliança defensiva, em que entrãõ os estados Menores da Almanha, he a seguinte: - Devem de ter em pé de guerra, em quanto esta durar, dobrado número das tropas que formavão o contingente de cada hum deles (...)” (GL, 19/02/1814)

(31) “ElRei de Wurtemberg dá muitas caixas de tabaco e anneis; mostra estar bastantemente indiferente com alguns grande Monarcas, e **diz-se ao ouvido**, que fora obrigado a consentir no restabelecimento dos Estados Geraes no seu paiz.” (GL, 11/11/1814)

São marcadores linguísticos desse processo expressões que, semanticamente, refletem o carácter vago do modo como se propaga e difunde o conhecimento de dado fato: *corre, ouvimos dizer, diz-se ao ouvido*. Quanto ao conteúdo da informação, ele é lexicalizado como *voz, rumor, boato*.

► Impessoalização

A impessoalização se verbaliza com a construção gramatical verbal na 3ª pessoa do plural ou na 3ª pessoa do singular, com o pronome *se*, o que indica que o sujeito é indeterminado (Cunha; Cintra, 2007, 142). Enunciativamente, a indeterminação do sujeito vai construir um recurso de distanciamento, já que não há especificação da fonte que valida o conhecimento a ser divulgado. Vejamos exemplos do *corpus*:

→ com verbos na 3ª pessoa do plural (principalmente com os verbos *dizer, falar, julgar*):

(32) “Os Inglezes tem feito neste porto [Liorne, Itália] grandes abastecimentos de grão, com o destino, **segundo dizem**, para as Ilhas Jonias, onde se juntão novas forças militares.” (GL, 20/02/1817)

Na forma *segundo dizem*, temos uma dupla construção de distanciamento: com *segundo*, que é o recurso mais usual, no jornalismo contemporâneo, na introdução da alteridade enunciativa (*segundo X, segundo Y*); e com a impessoalização do verbo *dizer* na terceira pessoa do plural.

→ com verbos na 3ª pessoa do singular e com o pronome *se* (principalmente com os verbos *falar, julgar, supor, presumir, afirmar, dizer, confirmar, assegurar, constar, calcular, crer*), conforme exemplos a seguir:

(33) “**Falla-se** em huma jornada de S.M.I. á Hungria, com o fim de organizar a insurreição Hungria (ou leva das Milicias)” (GL, 07/04/1809)

(34) “**Calcula-se que** as tropas Francezas, que entráráõ na Hespanha durante este mez, e o passado, sobem a 19500 homens de infantaria e cavalaria; parece que em Baayona se estaõ adestrando conscriptos com o mesmo destino (Naõ deo o reforço para as perdas dos dois mezes de Setembro e Outubro).” (GL, 01/01/1812)

(35) “Seria difficil saber exatamente o que fará S.M. o Imperador. **Crê-se** entretanto que este Monarca ficará na Italia mais tempo do que se havia pensado.” (GL, 09/05/1816)

Conclusão

Falar em mediativo nos jornais do século de XIX é constatar as diferentes vozes que contribuíram para a divulgação das notícias nesse período. As mais utilizadas eram as cartas, que possuíam diferentes enunciadores e vinham de diferentes partes do mundo. Destaque-se que as informações que os jornalistas desses periódicos divulgavam muitas vezes eram parciais, com a utilização, por exemplo, como vimos, de expressões como *corre voz* e *corre boato*, e não tinham a preocupação pela fidedignidade e objetividade que a grande maioria dos jornais contemporâneos assume ter. As fontes enunciativas que se gramaticalizam por verbos na terceira pessoa do singular com o pronome ‘se’ ou na terceira do plural, por exemplo, não são admitidas, em geral, como forma de distanciamento enunciativo no discurso jornalístico contemporâneo. São consideradas sem credibilidade. No entanto, pelo que constatamos

na identificação das diferentes fontes de enunciação, as informações colhidas no *diz-se por aí* ou *dizem por aí*, veiculadas nos meios políticos, sociais ou culturais, podiam ser consideradas fontes das notícias.

Referências

- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. Enunciação mediatizada e operações cognitivas. In A.S. Silva (org.), *Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga: APL/UCP, 2001. P. 325-340.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. *DEVER e PODER. Um subsistema modal do Português*, Lisboa, FCG/JNICT, 1998.
- CULIOLI, Antoine. *Définitions de quelques termes en linguistique, Extraits de l'Encyclopédie Alpha*, Paris: Grange-Batelière, 1971.
- CULIOLI, Antoine. *Recherche en Linguistique: Théorie des Opérations Énonciatives*, Université Paris 7 / DRL, 1976.
- CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations. Tome 1*. Paris, Ophrys, 1990.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- GUENTCHEVA, Zlatka. "Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français". In : *Langue Française 102: Les sources du savoir*, 1994. P 8-23.
- JAKOBSON, Roman. "Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe". In: *Essais de Linguistique Générale I*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1963. P. 176-196.
- LUCENA, Izabel Larissa. A expressão da evidencialidade: uma análise do discurso Político. In: *Estudos linguísticos*. São Paulo, 37 (1): 93-102, jan.-abr 2008. Disponível em http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N1_09.pdf. Acessado em: 25 out. 2011.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo, Editora Contexto, 2006.
- Oliveira, Teresa; Neves, Janete dos Santos Bessa. Estratégias linguísticas de distanciamento no discurso jornalístico. *Aprender – Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre* 31, 2007. P 49-55.
- RIBEIRO, João Ubaldo. Quem nasceu ontem?. In: Rio de Janeiro: *O Globo*, 19.06.05. P. 7
- TASMOWSKI L. & DENDALE, P. Pouvoir, un marqueur d'évidentialité. In: *Langue Française. Vol. 102 N°1. Les sources du savoir et leurs marques linguistiques*, 2001. P 41-55.
- VALENTIM, Helena Topa. *Estudo semântico-enunciativo de predicados subjectivos do português*. Tese de Doutorado (inédita). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2005.